
FLUXO DE CAIXA: INSTRUMENTO DE CONTROLE FINANCEIRO DE UMA EMPRESA HOTELEIRA NA CIDADE DE SOUSA – PB**Afrânio Souto Duque de Abrantes¹;**

1. Mestre em Sistemas de Agroindústria -UFCG, email: afranioduque@gmail.com

Rômulo Benício Lucena Filho²;

2. Mestre em Administração – UFCG, email: robелucena@gmail.com

Joseph Ragner Anacleto Fernandes Dantas³;

3. Mestre em Recursos Naturais -UFCG, email: josephragner@gmail.com

Recebido em: 10/05/2023 Aceito em: 29/05/2023

RESUMO: O fluxo de caixa compreende uma ferramenta fundamental nas mais diversas empresas, pois desde o início do comércio houve a necessidade de realizar o pleno controle, a fim de evitar perdas de capital, e saber se o negócio está obtendo lucro ou prejuízo. A pesquisa realizada trata de um estudo qualitativo-exploratório comprometido em expor as influências resignadas pela conta caixa na administração financeira da empresa, distinguindo as políticas financeiras adotadas em seu âmbito, analisando as circunstâncias que influenciam nas entradas e saídas do caixa, possíveis riscos financeiros e construindo uma demonstração de fluxo de caixa. A coleta de dados na organização em estudo ocorreu por meio de um questionário direcionado ao gestor financeiro da empresa, que também disponibilizou relatórios financeiros para análise. Todas as informações trabalhadas utilizaram os programas de computador Word e Excel para a criação de textos, gráficos e planilhas. As informações obtidas através desse documento científico foram utilizadas apenas para fins dessa pesquisa, assegurando o seu total sigilo. O estudo apresentou a real situação financeira com relação a suas políticas financeiras, influências do fluxo de caixa e gestão de riscos, sendo assim, a DFC uma ferramenta eficiente e importante para a organização estudada, porém não é a única que deve ser aplicada.

PALAVRAS-CHAVE: Fluxo de Caixa; Finanças; Gestão de Riscos; Controle Financeiro.

INTRODUÇÃO

A partir dos primórdios do comércio em todo o mundo, o homem já sentia a necessidade de controlar seus negócios, surgindo desse contexto uma incansável busca por métodos eficientes para tal finalidade, algumas dessas técnicas até hoje são utilizadas, por exemplo, a contagem de números. Atualmente, há vários instrumentos desenvolvidos para a prática de controle, dentre eles está o fluxo de caixa.

Gitman (1987) afirma que planos financeiros e orçamentos apresentam os caminhos para atingir os objetivos da empresa. Devido a vários fatos ocorridos no passado e com o avanço da globalização que vem acontecendo em ritmo acelerado, as companhias buscam constantemente se manterem competitivas no mercado, é diante disso, otimizam seus processos produtivos e de gestão, principalmente a gestão financeira, reconhecendo sua importância e aplicação do controle interno.

O controle financeiro é um aliado na redução dos impactos dos cenários econômicos vividos pelas empresas que quase sempre é de crise e recessão. Assim, auxilia no descobrimento de possíveis ilícitos, aponta forças, fraquezas e ainda no pagamento de dívidas, eliminando os

atrasos. Para colocá-lo em prática é necessário realizar um plano, estimar as movimentações do caixa e definir metas e objetivos.

Ross, Westerfield e Jaffe (1995) explicam que o planejamento é um processo que ajuda a empresa a evitar cometer algum erro futuro, e não desperdiçar todos os esforços aplicados. O controle de finanças acompanha constantemente a empresa, sendo possível analisar se o planejamento é aplicado, detectar algum gargalo em tempo hábil e com isso executar mudanças, caso necessárias. Portanto, ressalta-se a importância da implantação de uma ferramenta como o fluxo de caixa. Perez Jr. (1997) vê o controle como um comparativo entre a realidade e o que deveria ser, em termos ideais.

Devido à fácil elaboração, compreensão e baixo custo, a DFC se torna uma ferramenta fundamental nas mais diversas organizações, pois apresenta os saldos de entradas e saídas, promovendo ao gestor uma fácil visualização da saúde financeira da organização e, com isso, uma rápida resposta em forma de tomada de decisões eficientes.

Gomes e Moraes (2013) asseveram que a demonstração de fluxo de caixa proporciona à organização segurança, assim como serve de caminho nas suas operações. Essa ferramenta permite avaliar a movimentação de recursos, proteger ativos e maximizar seu poder econômico. Rosa e Silva (2011) afirmam que o fluxo de caixa é uma imagem fiel da situação financeira da empresa e serve como uma radiografia das entradas e saídas.

Com relação à transformação de ativos em capital, obter retorno sobre os investimentos e o acúmulo de lucros obtidos pela empresa, deve-se analisar qual a política financeira realizada no cenário organizacional, podendo mediante essa ação surgir respostas, como por exemplo, para questões de endividamento, alta exposição aos riscos do mercado, baixa liquidez, índices de inadimplência elevados. Cada gestão é livre para criar a política que melhor se adequa com sua empresa. Desse modo, vale salientar a análise dos riscos à qual é exposta no seu determinado contexto.

A Latam Airlines (2016) assinala que as políticas financeiras instituem instruções para a administração de operações de liquidez e aplicações financeiras, atividades de financiamento e para a gestão de risco de mercado.

Diante da necessidade de implantar uma ferramenta de controle interno, que seja de fácil compreensão e que permita ao gestor a realização de um melhor planejamento financeiro, otimize os lucros e alcance o que foi planejado.

O presente artigo tem como objetivo apresentar os impactos da conta caixa no gerenciamento financeiro da empresa em estudo, avaliando riscos financeiros que podem

ocorrer em seu campo de atuação, evidenciando as políticas financeiras adotadas, verificando as circunstâncias que influenciam nas entradas e saídas do caixa, a partir da elaboração de um fluxo de caixa baseado nos relatórios financeiros da empresa, e analisar qual a importância da implementação desse instrumento de controle para a empresa referida no presente artigo.

MATERIAL E MÉTODO

Esta pesquisa caracteriza-se por seu delineamento qualitativo-exploratório, e foi realizada em uma empresa hoteleira da cidade de Sousa, Paraíba. Participou da pesquisa o gerente administrativo-financeiro da empresa, responsável pelo setor.

A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário com questões abertas, formuladas com dez perguntas no intuito de conhecer o setor financeiro da referida organização e obter informações necessárias ao trabalho. Houve também o fornecimento, por parte da empresa, de dados numéricos para análise e discussão.

As informações foram trabalhadas em programas de computador: Word e o Excel, que possibilitaram a criação de textos, gráficos e planilhas. A análise de dados foi realizada com base em informações dos relatórios da empresa e no entendimento do questionário aplicado ao gestor de finanças, o qual procurou indagar ao mesmo sobre a administração da organização e suas finanças. Todos os materiais colhidos, podendo ser exatos ou aproximados, foram fornecidos pela gestão da empresa e utilizados unicamente para este trabalho científico, assegurando o sigilo dos mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Políticas financeiras nas empresas

As políticas financeiras são formuladas pelo nível estratégico da empresa, podendo variar para cada organização no que diz respeito aos seus objetivos específicos, pois devem estar de acordo com as normas de gerenciamento de risco adotadas pela administração. Ross et al. (1998) afirma que a evolução da empresa se relaciona diretamente com suas políticas financeiras.

No contexto geral, tais políticas estabelecem orientações e limitações aos procedimentos de liquidez, as aplicações financeiras, a administração dos riscos do mercado e as atividades

financeiras, tendo em vista garantir que a empresa tenha sempre capital disponível para saldar suas obrigações, como despesas e cotas de ações, fazer investimentos corretamente e não cometa excessos que comprometem suas finanças, analise o seu redor, bem como os riscos que o mercado pode oferecê-la, além de nortear a contabilidade, deter do controle de seus tributos, gestão do caixa, entre outras atividades.

Segundo Black (1976), há poucas informações sobre como gestores de finanças tomam decisões, no que se baseiam, quais fatores e dados levam em consideração e se eles aplicam algo que está nas literaturas sobre o assunto, um documento contendo as diretrizes a serem seguidas, ou seja, as políticas financeiras propriamente dita, baseando-se no que a ciência diz a respeito de finanças e como gerenciar as mesmas seria de grande valor para administração em seu dia-dia, tendo em vista uma maior chance de sucesso nas decisões tomadas e, conseqüente, garantia de continuidade do negócio.

A partir dessa breve compreensão sobre finanças, foi questionado ao gestor da empresa, responsável pelo setor financeiro, sobre os pontos relacionados a o assunto, concluindo-se que a empresa possui seis anos de mercado e é composta por quinze funcionários ativos. Sua gestão é voltada para os resultados, mas não é feito um planejamento a longo prazo, as soluções devem ser apresentadas rapidamente.

Com relação às finanças da empresa estudada, a condução é fundada na economia dos recursos. Claramente, a organização não se antecipa ao que pode acontecer em seu futuro, isso é preocupante devido a possibilidade de se deparar com situações inesperadas e difíceis de serem contornadas, os riscos posteriores a investimentos por exemplo, e redundâncias cometidas com o capital podem ser resultados dessa falta de planejamento, porém sua cultura de racionalidade com o dinheiro tem mantido o equilíbrio no caixa.

Ainda com base na perquirição empreendida, a companhia tem como políticas financeiras a não obtenção de empréstimos e financiamentos e a compra de bens apenas a vista, exceto bens de consumo diário em suas atividades, como: alimentos e produtos de higiene e limpeza, os quais são pagos a prazo, cada conta é quitada de acordo com sua competência. Com isso, a empresa evitará uma situação de endividamento e altos juros, tanto nas operações de financiamento acima citadas quanto em mercadorias de valor mais alto e ao mesmo tempo terá um montante maior em seu caixa devido ao prazo de pagamento dos produtos de maior fluxo de uso e ainda facilitará a coordenação dos pagamentos aos fornecedores.

Influências do fluxo de caixa

O fluxo de caixa pode sofrer impactos de origem externa ou interna, gastos excessivos

e desacordo entre os prazos das contas a pagar e a receber, vantagens concedidas sem planejamento e acúmulo de estoques são fatos típicos de origem do ambiente interno.

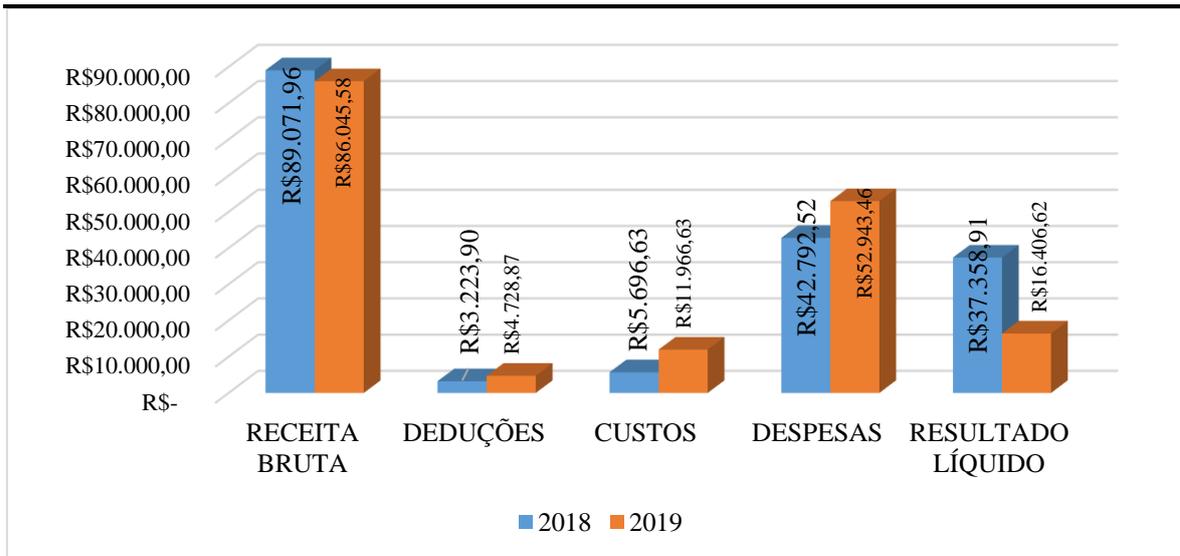
Todavia, do ambiente externo podem surgir quedas repentinas nas vendas, intensificação da concorrência, carga tributária e até mesmo aumento da inadimplência, que de certa forma pode estar ligada a fatores internos da empresa em alguns casos, por essa razão há a necessidade do alinhamento entre os setores na organização, a comunicação interna é imprescindível para minimizar possíveis danos provenientes dessas influências citadas, principalmente as extrínsecas, a qual a gestão possui menor poder.

Nesse âmbito, Zdanowicz (2002) reitera que para assegurar uma gestão do fluxo de caixa, é necessário construir um planejamento financeiro adequado para a empresa e que haja controle de forma precisa e análises contínuas.

A partir dessa compreensão, com dados fornecidos pela empresa, foi construído dois gráficos, o primeiro apresentando um comparativo entre o demonstrativo de resultado do exercício da competência de dezembro de 2018 e 2019 e o segundo traz o confronto entre o balanço patrimonial do ano de 2018 e 2019, respectivamente.

Diante do resultado obtido, é evidente que na última competência do ano de 2018 houve um resultado líquido positivo, melhor do que o ano de 2019, devido ao maior quantitativo de entradas e menores saídas do caixa, pode-se concluir também que os fatores cruciais para esse acontecimento foram os custos, deduções e despesas do ano de 2019 que superaram com grande margem os mesmos indicadores de 2018, uma vez que as diferenças entre as receitas de ambos os períodos não tenham tanta disparidade.

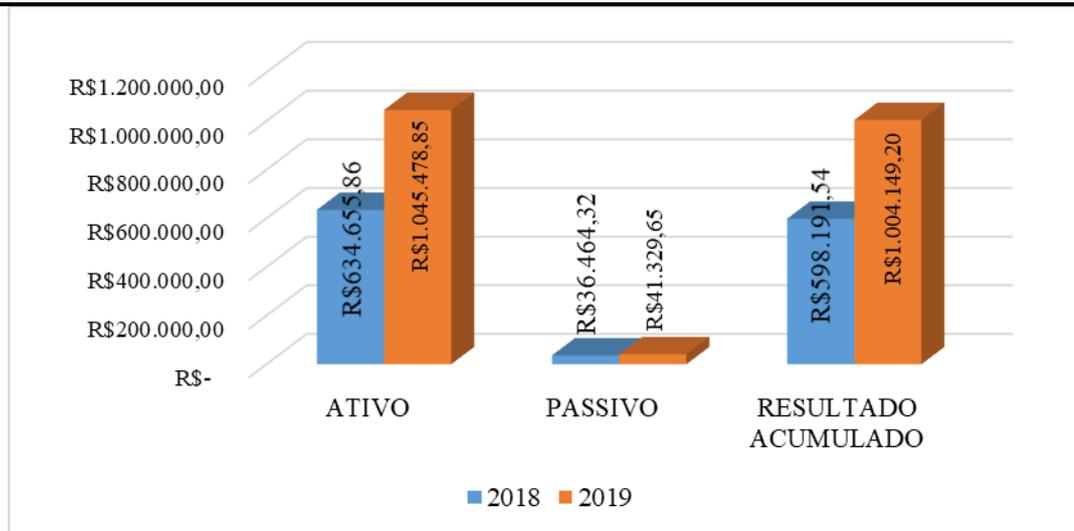
Gráfico 1 – Comparativo do DRE dezembro 2018x2019



Apesar disso, foi possível observar uma crescente evolução patrimonial, as contas de ativo do ano de 2018 se sobrepõem as mesmas do ano de 2019, enquanto os passivos de ambos apresentaram baixos índices, o do último ano respectivo um pouco maior, porém condizente com o crescimento atingido, sendo assim nítido o desenvolvimento da empresa, sua política de economia de recursos e redução das contas de passivo.

Com vista a pouca idade da empresa, o sucesso do seu negócio e a visão de crescimento por parte da gestão, a contradição entre o resultado do DRE exposto acima e o balanço patrimonial, pode ser motivada pelo aumento do quadro de funcionários e novos investimentos para melhoria da estrutura da empresa. Outro ponto que pode intervir é a sazonalidade, questão essa muito influente no turismo, que está diretamente ligado hotéis como o referenciado no presente trabalho.

Gráfico 2 – Comparativo balanço patrimonial 2018x2019.



Riscos financeiros

Faz parte da rotina da administração lidar com a possibilidade do fracasso de algum empreendimento em resultado de acontecimentos infrequentes, cuja ocorrência não depende exclusivamente dela, isso é denominado como risco. No ramo empresarial há diversos tipos, como por exemplo os riscos à reputação, econômicos, naturais, alterações legislativas, aumento da concorrência, entre outros. Nas finanças, mais precisamente, tem-se o risco financeiro, operacional e legal, no presente artigo será tratado do primeiro, respectivamente. Solomon et al. (2000), incluem no significado de risco todos os riscos que as empresas estão expostas e afirmam tem a ver com a falta de certeza da quantia de resultados tanto negativos como positivos.

Os riscos financeiros são variáveis que resultam na perda de dinheiro por parte da empresa em qualquer tipo de operação financeira, sobretudo as de investimento, o que comumente acontece por falta de planejamento. O gestor comete o erro de não calcular possíveis prejuízos e pela falta de controle, ou seja, a não realização do acompanhamento necessário para execução do que foi delineado, salientando que quanto maior a capacidade de receita mais chances de perdas, por isso deve haver uma compensação entre ambas as situações. Pode-se dividir os riscos financeiros em: de crédito, de mercado e de liquidez.

O risco de crédito seria a possibilidade de não pagamento ou pagamento atrasado de alguma dívida por parte do credor, por isso, há a necessidade de avaliação de crédito no momento da pré-concessão do mesmo. Alcarva (2011) entende como o risco de o devedor não

cumprir com sua obrigação em determinada data.

O risco de mercado está ligado a chance de perdas provenientes das mudanças no cenário econômico mundial, as variações na bolsa de valores, resultado dos preços das ações, taxa de juros, de câmbio e da economia nacional e internacional. Para Pinho, Valente e Madaleno (2011), o risco de mercado corresponde aos fatores macroeconômicos e atinge as empresas no geral, porém não com a mesma intensidade. Observa-se que tal risco possui origem de influência externa a empresa.

Com relação ao risco de liquidez, define-se como a capacidade ou dificuldade de recuperar o capital investindo, em tempo coerente, sem que ele desvalorize. Cabe ressaltar que determinados investimentos conseguem ser convertidos em dinheiro com maior rapidez. Outra definição é a probabilidade de a empresa não conseguir quitar suas obrigações sem resultar em perdas, ou seja, não ter capital suficiente em relação aos seus compromissos. Segundo Palia e Porter (2003), o risco de liquidez acontece a partir da falta de capacidade para atender às requisições do caixa quando necessário.

Na pesquisa em questão, a empresa foi indagada sobre a participação da contabilidade em suas decisões, os investimentos realizados, histórico de consultorias financeiras e análises de demonstrativos financeiros, tendo em vista as afirmações feitas, foi possível concluir que a empresa utiliza dados contábeis para suas tomadas de decisões e ainda dados realizados por auditoria interna, mostrando sua preocupação no controle de suas finanças, realizando constante acompanhamento, reduzindo assim os riscos expostos a empresa, até mesmo se antecedendo a eles e tomando as medidas necessárias para estabilizar as situações a ser enfrentadas.

A empresa, objeto desse estudo, possui cotas de capital em cooperativa de crédito, sendo um excelente meio de aplicação de recursos devido ao alto grau de liquidez desse tipo de operação, já que esse investimento pode se transformar em dinheiro mais rápido do que outros e, caso haja uma insuficiência de caixa, a organização pode integrá-lo novamente no seu caixa em curto prazo de tempo para cumprir com suas obrigações.

Ainda baseado na pesquisa realizada, foi possível detectar que a empresa em questão nunca realizou uma consultoria financeira, caso contrário agregaria grande valor na sua gestão, uma vez que a consultoria poderia identificar falhas, analisaria o mercado em sua volta avaliando a viabilidade de futuros investimentos e o que pode atingir fraquezas do empreendimento, resultando no crescimento de rentabilidade.

Carrasqueira (2010) afirma que a consultoria financeira é oportuna para obter conhecimento da capacidade de endividamento da empresa, tonar compromissos financeiros

mais flexíveis, prevenir problemas financeiros e na obtenção de crédito. Observou-se também que é feito o acompanhamento dos demonstrativos financeiros, sendo mais um instrumento para identificação de falhas e apresentação dos resultados apurados, pois com as informações presentes é possível que a gestão tome decisões necessárias, porém na empresa aqui tratada a análise é feita anualmente, o que pode ser ruim para empresa, já que algumas medidas que deveriam ser tomadas em menos tempo serão postergadas e, às vezes, quando aplicadas, não apresenta mais a solução viável.

FLUXO DE CAIXA

Em um mercado competitivo, o gestor deve ter o conhecimento do andamento das finanças da empresa a qual é responsável, para isso é preciso ter ciência das receitas e despesas ocorridas, o melhor e mais simples método para esse controle é o fluxo de caixa que mostra a movimentação de capital e possibilita a previsão de fatos ou situações desfavoráveis. A partir disso, surgem melhores chances de planejar e criar estratégias para eliminar ou minimizar os impactos negativos gerados por deficiências financeiras.

Para Cavalcante e Curado (2004), o fluxo de caixa é um instrumento de controle com o objetivo de auxiliar o gestor na tomada de decisão sobre a situação financeira da empresa, apresentando entradas e saídas de dinheiro, tendo em vista determinado período, que pode ser uma semana, um mês, ou até mesmo, um dia.

A adoção do fluxo de caixa favorece uma melhor gestão dos recursos financeiros, evitando situações de falência ou falta de liquidez, que representam sérias ameaças à continuidade das organizações.

Hoji (2003) afirma que a apuração correta do fluxo de caixa por unidade de negócios traz vantagens relevantes na avaliação do desempenho empresarial, pois é possível avaliar o retorno sobre o investimento de forma precisa.

Há várias maneiras de produzir um fluxo de caixa, cada gestor poderia realizar da forma que melhor entendesse, porém isso não é possível. Para Lamas e Gregório (2009), ao se elaborar uma DFC estruturada em normas, é possível comparar desempenho operacional entre diferentes empresas, uma vez que elimina os efeitos desiguais dos possíveis tratamentos contábeis.

No Brasil, a norma responsável por essa padronização é o Pronunciamento Técnico CPC 03, que prevê a divisão da DFC entre atividades operacionais, investimento e financiamento. As atividades operacionais são as receitas da empresa provenientes de sua atividade essencial,

do seu ramo. Essas atividades constaram no DRE e nas contas a receber e pagar dispostas no balanço patrimonial. A FIPECAFI (2010) assinala que as atividades operacionais abrangem as funções relacionadas com a produção e fornecimento de bens e serviços e as atividades não relacionadas com as de investimento e financiamento.

As atividades de investimento consistem na aplicação de sobras de caixa, visando um lucro futuro, seja por meio de empréstimos ou compra de ativos. Segundo o Banco Central do Brasil apenas desembolsos que culminam em ativos, apresentados nas demonstrações contábeis, são sujeitos de serem nominados como atividades de investimento.

A empresa pratica uma atividade de financiamento quando toma fundos de terceiros ou integrantes da própria organização para aportar no seu caixa.

Costa (2012) assevera que, com relação as atividades de financiamento, é possível citar as entradas de recursos, empréstimos e financiamentos tomados, aumentos de capital e emissões de novas ações. Como exemplos de saídas, aponta-se os pagamentos de dividendos, as recompras de ações da empresa e os pagamentos de empréstimos e financiamentos.

Para a presente pesquisa, foi construído uma DFC baseada nos relatórios financeiros fornecidos pela empresa, a partir dos resultados relacionados as suas atividades financeiras.

FLUXO DE CAIXA		
ATIVIDADES OPERACIONAIS		
	2018	2019
(+) RECEBIMENTOS DE CLIENTES	R\$ 358.887,51	R\$ 755.900,08
(-) CONTAS A PAGAR	R\$ 36.464,32	R\$ 41.329,65
(=) RESULTADO DAS ATIVIDADES OPERACIONAIS	R\$ 322.423,19	R\$ 714.570,43
ATIVIDADES DE INVESTIMENTOS		
	2018	2019
(+) VENDA DE IMOBILIZADO	R\$ -	R\$ -
(-) AQUISIÇÃO DE ATIVO PERMANENTE	R\$ 58.774,56	R\$ 23.090,43
(=) RESULTADO DAS ATIVIDADES DE INVESTIMENTOS	-R\$ 58.774,56	-R\$ 23.090,43
ATIVIDADES DE FINANCIAMENTO		
	2018	2019
(+) NOVOS EMPRÉSTIMOS	R\$ -	-

(-) AMORTIZAÇÃO DE EMPRÉSTIMOS	R\$	-	-
(+) INTEGRALIZAÇÃO DE CAPITAL	R\$	-	-
(=) RESULTADO DAS ATIVIDADES DE FINANCIAMENTO	R\$	-	-

Diante dos resultados foi possível concluir que no ano de 2019 as atividades operacionais tiveram um resultado favorável de 121% em relação ao ano de 2018, onde é possível perceber, além do aumento de 110% em receitas, uma redução de custos eficiente, tendo em vista a relação custo/receita dos dois anos citados. Com relação as atividades de investimento, é evidente que nos referidos ano não houve nenhuma receita em relação ao seus imobilizados, porém o montante de aquisição desse tipo de ativo diminuiu em 154% em 2019, isso mostra que a empresa tem investido em seu ativo permanente, porém o mesmo não está sendo renovado expondo a empresa a perda com a depreciação de seus bens. Ficou evidente nos resultados das atividades de financiamento que em 2018 e 2019 a empresa não a empresa não contraiu nenhum montante em empréstimos, sendo um ponto positivo, pois ela não está assumindo obrigações perante instituições financeiras e terá despesas com juros. Outra questão que pode ser observada com relação as atividades de financiamento é que essa organização em estudo vem se desenvolvendo, como podemos ver na apuração das atividades operacionais, sem ser necessário integralização de capital em seu caixa.

As políticas financeiras são formuladas pelo nível estratégico das empresas e visam orientar e limitar os procedimentos financeiros, de modo a garantir capital disponível para saldar obrigações, fazer investimentos e não cometer excessos que comprometam as finanças. No entanto, segundo Black (1976), há poucas informações sobre como gestores de finanças tomam decisões, o que mostra a necessidade de basear as políticas financeiras em estudos e literaturas sobre o assunto. A falta de planejamento a longo prazo pode trazer riscos à empresa, mas é importante ressaltar que a cultura de racionalidade com o dinheiro pode manter o equilíbrio no caixa. O fluxo de caixa pode sofrer impactos de origem externa ou interna, por isso é fundamental que a empresa tenha um planejamento financeiro adequado, controle e análises contínuas.

CONCLUSÃO

O estudo em questão teve a preocupação de explicar aspectos inerentes ao fluxo de caixa, sua função como instrumento de controle interno e contribuições positivas para o

desenvolvimento de uma empresa, constituindo uma ferramenta que alia o baixo custo de operação com a clareza em suas informações, tornando-a de fácil entendimento para o gestor na análise das finanças, seja diária, mensal ou anualmente. Ainda foi abordado o que pode influenciar nas entradas da conta caixa, seja em um período sazonal ou novos investimentos ligados a expansão e melhorias internas.

O controle interno é um acompanhamento constante, é a análise de indicadores e demonstrativos com a finalidade de detectar possíveis falhas na gestão e se a empresa tem obtido crescimento ou não, essa foi justamente a função do fluxo de caixa aqui observada.

A pesquisa também mostrou a importância das políticas financeiras como normas a serem seguidas, contribuindo para questões de endividamento, inadimplência e riscos de mercado. Com relação aos riscos, a abordagem feita apresentou o conceito, os tipos existentes e como a empresa em questão lida para erradicá-los.

O estudo procurou explorar informações sobre o setor financeiro da empresa hoteleira na cidade de Sousa, com foco nas suas políticas, investimentos, acompanhamentos especializados realizados por terceiros e análises de demonstrativos, a fim de obter informações necessárias para a observação das políticas financeiras, gestão de riscos e as influências recebidas pela conta caixa, posteriormente foi elaborada uma DFC organizada por atividades financeiras e realizada a devida análise dos resultados apresentados, foi possível concluir que a empresa obteve um saldo positivo de 121% em suas atividades operacionais no ano de 2019 em relação a 2018. Nas atividades de investimento, a companhia não teve nenhuma receita, porém realizou aplicações em ativos imobilizados, sendo em 2019 154% menor do que no ano de 2018, resultando numa exposição elevado a depreciação de seus bens. Com relação as atividades de financiamento não houve obtenção de empréstimos e financiamentos, livrado corporação de dívidas com juros e não foi realizado nenhuma integralização de capital, tendo em vista a evolução apresentada nas atividades operacionais, entende-se que a firma vem crescendo sem a necessidade de mais integralizações de capital.

A divisão por atividades forneceu dados individuais, que possibilitaram avaliar a influência que cada uma exerce na empresa e a ligação entre elas.

No entanto, apesar da importância do fluxo de caixa para a empresa, não se pode limitar apenas a essa ferramenta, mas também se faz necessário, para um melhor acompanhamento e crescimento da organização, o uso métodos de controle variados de acordo como as necessidades constatadas pela administração.

CASH FLOW: INSTRUMENT OF FINANCIAL CONTROL OF A HOTEL COMPANY IN THE CITY OF SOUSA - PB

ABSTRACT: Cash flow is a fundamental tool in the most diverse companies, since from the beginning of the trade there was a need to carry out full control, in order to avoid capital losses, and to know if the business is making a profit or loss. The research performed deals with a qualitative-exploratory study committed to exposing the influences resigned by the cash account in the company's financial management, distinguishing the financial policies adopted in its scope, analyzing the circumstances that influence the cash inflows and outflows, possible financial risks and building a cash flow statement. Data collection in the organization under study took place through a questionnaire addressed to the company's financial manager, who also made financial reports available for analysis. All information worked used Word and Excel computer programs to create texts, graphics and spreadsheets. The information obtained through this scientific document was used only for the purposes of this research, ensuring its total confidentiality. The study presented the real financial situation with respect to its financial policies, cash flow influences and risk management, therefore, DFC is an efficient and important tool for the studied organization, but it is not the only one that should be applied.

KEYWORDS: Cash Flow; Finance; Risks Management; Financial Control.

REFERÊNCIAS

ALCARVA, P. **A Banca e as PME**. Vida Econômica, 2011.

BLACK, F. The Dividend Puzzle. **Journal of Portfolio Management**, v. 2, p. 5-8, 1976.

CARRASQUEIRA, S. M. **Consultoria financeira em créditos bancários: portfólio de estudos de caso**. Dissertação (Mestrado em Gestão) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

CAVALCANTE, J. C.; CURADO, R. S. **Gestão financeira**. São Paulo: SEBRAE, 2004.

COSTA, R. D. da. Demonstração dos fluxos de caixa (DFC): conceitos e estrutura. **Interdiência e sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2012.

FIPECAFI. **Manual de Contabilidade Societária**. São Paulo: Atlas, 2010.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 1987.

GOMES, M. J. O.; MORAES, L. S. A importância do fluxo de caixa para a organização financeira da empresa X. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, v.1, ano MMXI, n. 6, jul. 2013. disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo-maria.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020.

LAMAS, F. R.; GREGÓRIO, A. A. Demonstração dos Fluxos de Caixa e Contabilidade Criativa. **Revista Universo Contábil, Blumenau**, v. 5, n. 3, p. 99-115, jul./set. 2009.

HOJI, M. **Administração financeira**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LATAM AIRLINES GROUP S.A. **Política Financeira**. 2016. Disponível em: <https://memoria2016.marketinlatam.net.politicafinanceira/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

PALIA, D.; PORTER, R. Contemporary issues in regulatory risk management of commercial banks. **Financial Markets, Institutions & Instruments**, v. 12, n. 4, p. 223-256, 2003.

PEREZ JUNIOR, J. H.; PESTANA, A. O.; FRANCO, S. P. C. **Controladoria de Gestão – Teoria e Prática**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

PINHO, C.; VALENTE, R.; MADALENO, M. V., E. **Risco Financeiro: Medida e Gestão**. 1ª Ed. Lisboa: Edições Sílabo Ltda., 2011.

ROSA, P. M.; SILVA, A. T. (2011). Fluxo de caixa – instrumento de planejamento e controle financeiro e base de apoio ao processo decisório. **Revista Brasileira de Contabilidade**, n. 135, p. 81-95, ago. 2011.

ROSS, S. A.; WESTERFIELD, R. W.; JAFFE, J. F. **Administração Financeira**. São Paulo: Atlas, 1995.

ROSS, Stephen A. WERTERFIELD, Randolph W., JORDAM, Bradford D, **Princípios de Administração Financeira: tradução Antonio Zoratto Sanvicente** – São Paulo: Atlas, 1998.

SOLOMON, J. F; SOLOMON, A; NORTON D.S. **A Conceptual Framework for Corporate Risk Disclosure Emerging from the Agenda for Corporate Governance Reform**, 2000.

ZDANOWICZ, J. E. **Fluxo de caixa**. 9. ed. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 2002.